

'O Brasil não tem por que temer a competição'

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso no encerramento da reunião sobre projetos estruturadores do Rio de Janeiro:

Não podia ter tido eu um começo de estadia, aqui em Petrópolis, mais prazenteiro do que ter ouvido as palavras que ouvi, depois de ter estado em Sepetiba, sobrevoando o porto de Sepetiba, apreendendo *in loco* as possibilidades daquela região. E agora verificar que o que há algum tempo atrás, para mim, era apenas um vago desejo, uma vaga referência, hoje começa a ser uma realidade.

Eu não posso senão agradecer a cooperação que tenho recebido. Cooperação do dr. Eliezer Batista que, mesmo antes de eu ser presidente da República, influenciou os rumos que nós daríamos ao Brasil, porque conversamos extensamente na preparação do programa de governo. Algumas das idéias que ele hoje colocou aqui foram incorporadas, em função das múltiplas discussões que tivemos. E sempre motivados com a presença do Raphael de Almeida Magalhães, cuja generosidade ímpar — eu assisti a essa generosidade em vários momentos da minha vida e da vida do Raphael — acabou de fazer um discurso que me comoveu. Eu sei que é excessivo, pela sua generosidade, mas, de qualquer maneira, como pessoa ou como amigo de Raphael, eu quero agradecer de todo o coração as palavras que ele proferiu.

Quero dizer, também, que esses dois companheiros tiveram papel importante na motivação das ações de governo. E eu, humildemente, quero expressar aqui que a minha formação como sociólogo, e sociólogo do desenvolvimento, as idéias então vigentes estavam muito mais baseadas, no que diz respeito às formas de crescimento e desenvolvimento, nas teorias de François Perrou, que falava em pólos do crescimento. Nós estamos tratando não de pólos isolados, mas de corredores que são sinérgicos, de tal maneira que nós possamos ter uma visão, como ele disse, holística e sistêmica. Essas idéias me foram muito sensíveis e eu as aproveitei ao tentar propor ao Brasil uma plataforma de governo e, portanto, desde antes de ser presidente, já era grato à influência do Raphael e de Eliezer Batista.

Eu não quero esquecer, neste momento, de mencionar o nome de um outro ilustre carioca que deu apoio sempre decidido às minhas ações, quando ministro da Fazenda, tentando colocar um paradeiro na in-

flação galopante e que depois, também, se juntou a este grupo, na formação desse Conselho de Coordenação das Ações Federais do Rio de Janeiro, que é o Mário Henrique Simonsen.

Hoje o que nós havíamos delineado, e que contou com o apoio entusiástico do governador Marcello Alencar, já são ações. Hoje, pude ver de manhã, em Sepetiba. Tivemos uma imensa dificuldade, como assinalai lá em Sepetiba, para romper barreiras burocráticas. Imensas dificuldades. Só quem trabalha dentro do aparelho do Estado é que se dá conta de como coisas óbvias e fáceis são difíceis.

Obter recursos e transferir recursos de uma instituição estatal para a outra, com a vontade do presidente da República, dos ministros e do governador é uma tarefa hercúlea. E o mais entristecedor é que muitas vezes essas dificuldades são constituídas por aquilo que um outro amigo meu, Albert Hirschman, a quem eu respeito e com quem muito aprendi sobre desenvolvimento, costumava chamar de "obstáculos mentais ao desenvolvimento", obstáculos a ver o novo, obstáculos a ver o desenvolvimento. Como não vêm, impedem aqueles que estão vislumbrando de dar os passos necessários para que as coisas ocorram. E o atraso, às vezes erigido em bandeira ideológica e, aí, da tristeza.

É tão penoso ver gente, às vezes talentosa, anquilosada, fechada, sendo incapaz de ver o que ocorre em torno de si, e utilizar palavras grandiosas para defender bandeiras que não têm mais sentido. Esses são obstáculos grandes, que só são vencidos pelo convencimento, pela ação persistente, democrática, do diálogo. Não há outro caminho.

E, aqui, nós estamos nessa mesa, cercados de pessoas que passam dia e noite tratando de convencer-mos mutuamente e convencer, mais tarde, aqueles que ainda não crêem nos caminhos que aparecem como viáveis e positivos para o povo e para o País.

Hoje vejo que as coisas caminham, no Rio de Janeiro. E aqui, simbolicamente, nós estamos, de alguma maneira, passando o facho, do setor público para o setor privado. Essa é a tarefa que o Eduardo Eugênio aceitou, juntamente com os senhores empresários dos vários setores, de compreender que daqui para frente não basta a ação do governo. O governo, não direi que fez sua parte. Estamos fazendo, começando a fazer. Mas sozinhos não poderemos caminhar, precisamos dos senhores. E vamos estar juntos nesse desafio.

Os gargalos iniciais, da telemática,

do porto de Sepetiba, do gás químico com a compreensão — penosa, mas houve compreensão — dos setores pertinentes a essas matérias, esses passos iniciais nós já demos.

Mesmo no arcabouço ainda antigo, do nosso sistema de comunicações, no Rio, estamos investindo R\$ 2 bilhões, para modificar a base desse sistema arcaico que ainda nós temos, de telecomunicações. Até mesmo na comunicação telefônica, da telefonia fixa, transformando em telefonia digital, R\$ 2 bilhões que saíram do próprio sistema Telebrás, para dar um só exemplo. Assim como o BNDES, que percebeu a importância de apoiar o porto de Sepetiba e como a Petrobrás entendeu a importância de fazer esse pólo gás-químico. Estamos, portanto, já em marcha.

Mas, como o governador Marcello Alencar mencionou — e é verdade — que eu dizia que o Rio é o farol do Brasil, esse farol se iluminou. Hoje, o Rio de Janeiro cintila e se percebe isso. Percebe-se que existe, no Rio, uma crença. Percebe-se que existe no Rio, não o desconhecimento das dificuldades, que são imensas, mas a convicção de que nós temos capacidade para superá-las.

E a cintilação é tão grande, e a força do Rio de Janeiro é tão grande, a força dessa capacidade que o Rio tem de reverberar o que ocorre é tão grande que eu poderia dizer-lhes que, não apenas aqui no Rio, estamos dando os passos para algumas modificações importantes, mas eu tenho a satisfação, como recentemente mostrei, até pela televisão, de dizer que, nos primeiros dois anos de governo, nós fizemos alterações significativas em várias áreas do Brasil. Adotando as mesmas preocupações que foram expostas pelo dr. Eliezer Batista.

Anseios antiquêrrimos — cuja consecução teve como consequência modificações profundas, na matriz energética do Brasil — começaram a ter curso. Eu, como chanceler, fui a Bolívia para viabilizar um acordo, que permitiria o gasoduto da Bolívia. Esse é um anseio de 30 anos ou mais. Pois bem, o gasoduto, hoje, está em construção. Os editais estão na rua, as licitações para os dutos estão feitas e, dentro de pouco tempo nós vamos ter, realmente, o gasoduto, levando o gás da Bolívia ao Rio de Janeiro, ampliando as possibilidades de utilização do gás em São Paulo, no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais.

Não foi só isso. Também influenciado pelas mesmas idéias, buscar integrações sinérgicas no norte do Brasil. Uma antiga aspiração de quando eu era chanceler, está sendo realizada com a Venezuela. O dr.

Eliezer sabe o quanto nos custou que o Brasil entrasse para a CAF (Corporación Andina de Fomento). Conseguiu.

Com isso estamos, hoje, financiando aquilo que o governador do Amazonas se antecipou, com recursos próprios, que é uma estrada chamada 174, que liga Manaus, passa por Boa Vista e vai até Caracas, na Venezuela, e dá uma saída para o Brasil, ao norte, para o Caribe e permite que a Zona Franca de Manaus ganhe, outra vez, a sua dimensão de exportadora, ao invés de, simplesmente, suprir os mercados do Sudeste do Brasil. A 174, em boa parte, já está pavimentada, e só não fui lá porque ainda não tive tempo, para inaugurar o trecho, no Estado do Amazonas. Em pouco tempo mais estará totalmente feita.

Assinei, na semana passada, um outro acordo de entendimento de ação já, de um outro sonho, antigo, que foi, também com a Venezuela, do aproveitamento da hidroeletricidade do Guri. E nós vamos iluminar, outra vez cintilar, desta vez Boa Vista, lá em Roraima, com a energia gerada na Venezuela. Estamos começando as licitações para as obras de construção de uma grande linha de transmissão, que vai energizar — que é a expressão que eles gostam de usar no Norte — o Estado de Roraima.

O ministro de Minas e Energia recém voltou do Amapá, onde a escassez de energia é brutal, e nós inauguramos também, lá — e aí tinha que ser ainda com diesel — novas unidades geradoras. Estamos preparados, e já em ação para utilizar o gás de Urucum, do Amazonas, que vai permitir modificar radicalmente o panorama de Roraima, em matéria de energia. Vamos terminar agora e eu vou inaugurar na Usina Geradora de Samuel, a última unidade. E não é suficiente. Vamos ter que usar o gás de Urucum, em toda a região amazônica.

No Pará, o linhão de Tucuruí, que era o anseio das populações locais, que servia apenas ao Maranhão, passou a ser, também — aqui estamos já fazendo — utilizado para a região da Amazônia de toda a região do sul do Pará, de tal maneira que lá, também, as obras de infra-estrutura energética estão retomadas.

Ontem assinei, com o presidente do Uruguai, o começo de uma unidade conversora, que vai começar a ser realizada, de 30 megawatts mas, dentro em breve, teremos uma outra de 300, ligando a eletricidade do Uruguai com o Rio Grande do Sul. E o mesmo já estamos fazendo com a Argentina.

Ou seja, estamos aproveitando as

grandes idéias de sinergia, juntando esforços, num conjunto de obras que são, absolutamente, essenciais, para que possa haver progresso, no futuro, no Brasil, crescimento da nossa economia.

Se o porto de Sepetiba é um marco — e é, nós vimos os gráficos aqui — nós não nos esquecemos dos outros portos. Sobrevoei, há pouco mais de uma semana, o porto de Suape, em Pernambuco. E no porto de Suape se pode ver, já com o apoio do governo Federal, que já está em marcha, e com o apoio da iniciativa privada — esse porto já está em franco funcionamento, e vai se multiplicar, em escala menor, a mesma coisa que ocorre aqui, em Sepetiba.

Estamos fazendo um outro porto no Ceará, em Pecém, que vai viabilizar a utilização, no Ceará, de uma base de produção siderúrgica. O porto de Itaqui existe, e é um dos maiores portos do Brasil, e nós estamos tratando, agora, de toda a privatização dessa rede de portos, para que as operações possam ir mais depressa.

Nós temos portos importantes, como o porto de Tubarão. Nós estamos ativos na recuperação e dragagem do porto do Rio Grande, de tal maneira que também o Sul possa se beneficiar desse novo momento da nossa história.

O dr. Eduardo Eugênio esteve comigo no Rio Grande do Sul e sabe que nós estamos dobrando o número de pólos petroquímicos ou gás químicos, no Brasil. Nós levamos 40 anos para fazer três pólos. Eu espero que nos quatro anos do meu governo nós tenhamos agregado mais três pólos ao Brasil — um no Rio Grande do Sul, outro em São Paulo, outro no Rio de Janeiro.

Eu sei que há muitos problemas. A metade sul do Rio Grande do Sul, por exemplo, a parte mais setentrional do Rio Grande do Sul, sofre de uma crise tremenda na sua agricultura, sofre do desamparo de muitas medidas. Vamos cuidar disso.

O Nordeste já tem seu rumo. Eu vou pedir, até, que as mesmas pessoas que ajudaram a fazer do Rio de Janeiro um ponto de confiança no Brasil, nos ajudem no Nordeste também, onde nós temos grandes trabalhos a serem feitos, já em marcha, tanto na questão de águas, de irrigação, quanto na questão, como disse, de portos, na fruticultura, e por aí vai.

Há muito o que fazer, mas há muitas possibilidades. O Brasil não tem por que temer a competição. Há condição de que ele se prepare para ela.

Eu não quero me estender. Eu me entusiasmou, quando falo do Centro-Oeste, quando falo das realizações e

das potencialidades do Brasil. Não quero me estender. Quero finalizar dizendo, entretanto, que tudo isso depende do fator humano. Tudo isso depende, basicamente, de nós, melhorarmos a educação e ampliarmos o grau de capacidade tecnológica desse país, de desenvolvimento científico, de desenvolvimento cultural sem o qual não existe a possibilidade de uma integração positiva, no sistema internacional que se está formando.

A infra-estrutura é condição necessária mas não é suficiente. O mundo do futuro é o mundo do cérebro. É o mundo das economias que vão estar baseadas na capacidade nossa de conhecimento, de produção e de informação — como já foi dito aqui — de transmissão rápida de informação, de sofisticação, o máximo possível, em todos os sistemas de comunicação moderna.

Esse é um desafio que não se resolve em um ano, em dois anos, em três anos. Se faz um porto, em menor tempo. Pode-se fazer uma ponte, um linhão de energia elétrica. É possível e a Petrobras vai se lançar — já está lançada — ao desafio de, no ano 2000 ser capaz de perfurar para buscar petróleo, em plataformas com profundidade de mais de 2000 metros de água (...)

Tudo isso se pode prever, fazer e executar. Muito mais difícil, é lidar com aquilo que é fundamental: o ser humano, o homem e a mulher. Leva mais tempo, precisa de mais despenho. Mas é esse o grande desafio.

Termino, portanto, meus senhores, minhas senhoras, meu caro amigo governador, reiterando os meus agradecimentos. Mas dizendo-lhes que a confiança que eu vejo aqui no Rio de Janeiro, aqui em Petrópolis, e no Estado do Rio de Janeiro, é uma confiança que vai se espraiando pelo Brasil afora. E se nós mantivermos essa confiança se, com serenidade, sem demagogia, com muito afincamento, com tranquilidade, como disse, e com competência, nós continuaremos enfrentando os problemas do Brasil, se nós formos capazes — e reitero o que disse esta manhã — de darmos a mão uns aos outros, independentemente de diferenças que existem, de todo o tipo — políticas, partidárias, de região, de sectarismos, do que seja; se nós formos capazes de ver que nós podemos fazer o que o povo precisa, a questão passa a ser não apenas de desenvolvimento, mas ética. Porque é uma questão moral.

Hoje, nós temos que ter essa convicção, de que é um desafio moral que é o de nós estarmos solidários, juntos, porque nós podemos construir o Brasil que esse povo merece. Muito obrigado."